



## Análise do Calendário competitivo Brasileiro e Mundial de Voleibol de Praia (1989-2019)

*Analysis of The Brazilian and World competitive Calendar of Beach Volleyball (1989-2019)*

*Análisis del Calendario competitivo Brasileño y Mundial de Voleibol de Playa (1989-2019)*

Leopoldo Sindice da Silva<sup>1</sup>, Giuliano Batista Sucupira<sup>1</sup>, Joanildo Costa Junior<sup>1</sup>, Leandro Garrot Rodrigues<sup>1</sup>, Abdallah Achour Junior<sup>2</sup>

Instituto Olímpico Brasileiro<sup>1</sup> - [leo.voleipr@gmail.com](mailto:leo.voleipr@gmail.com)

Universidade Estadual de Londrina<sup>2</sup>

### Resumo

A gestão esportiva tem mostrado suas contribuições para o sucesso de uma modalidade, em particular através da elaboração do calendário de competições. Isso porque, o calendário competitivo é fundamental no desenvolvimento do atleta, pois influencia desde a planificação dos treinamentos, até a regulação da periodicidade dos torneios. Ao entender essa importância e identificar uma lacuna deste conhecimento no voleibol de praia, faz-se necessário avaliar as mudanças que ocorreram no calendário esportivo da modalidade após décadas de competições. Assim, o presente estudo teve como objetivo analisar todas as edições do principal calendário competitivo de voleibol de praia brasileiro e mundial. A pesquisa é caracterizada como descritiva através de análise documental, a partir de buscas on-line nos documentos publicados nos sites próprios da Confederação Brasileira de Voleibol e Federação Internacional de Voleibol. Os resultados mostraram uma diferença no número de etapas do circuito brasileiro, comparando a temporada de 1994 (n=19) com a última edição em 2018/2019 (n=7), apontando uma redução de 63,15%. O calendário mundial, por sua vez, tem crescido gradativamente através de constantes mudanças e novas estratégias operacionais. A gestão internacional expandiu o calendário competitivo chegando ao ápice em 2018 com 46 torneios femininos em uma única temporada, ou seja, crescimento de 2.200% quando comparado com a primeira edição em 1993 (n=2). Essas alterações geram maiores oportunidades competitivas para os atletas, especialmente os estrangeiros, e crescimento para a modalidade. Contudo, a redução das etapas no calendário brasileiro repercute negativamente de forma direta nos atletas nacionais e possivelmente no desenvolvimento futuro do esporte no país. A fim de evitar isso, sugere-se elaborar um novo formato de competição, bem como a abertura para novos patrocinadores, visando um calendário mais abrangente e com melhores condições competitivas e financeiras para as duplas.

**Palavras-chave:** Gestão esportiva; Federações esportivas; Desempenho esportivo; Voleibol de praia.

### Abstract

Sports management has shown its contributions to the success of a sport, in particular through the creation of a competition calendar. Due to this, the competitive calendar is fundamental for the development of the athlete, since it influences from the planning of training, to the regulation of the periodicity of tournaments. Thorough understanding this importance and identifying a gap in this knowledge in beach volleyball, it is necessary to assess the changes that have occurred in the sporting calendar after decades of competitions. Thus, this study aimed to analyze all editions of the main competitive calendar of Brazilian and world beach volleyball. The research is characterized as descriptive through documentary analysis, from online searches on documents published on the websites of the Brazilian Volleyball Confederation and the International Volleyball Federation. The results showed a difference in the number of tournaments of the Brazilian tour, comparing the 1994 season (n = 19) with the last edition in 2018/2019 (n = 7), indicating a reduction of 63.15%. The world calendar has grown gradually through constant changes and new operational strategies. International management expanded the competitive calendar around the world, reaching its peak in 2018



with 46 women's tournaments in a single season, showing a growth of 2,200% when compared to the first edition in 1993 ( $n = 2$ ). These changes induce greater competitive opportunities for athletes, especially foreigners, and growth for the sport. However, the reduction of tournaments in the Brazilian calendar has a direct negative impact on national athletes and possibly on the future development of the sport in the country. In order to avoid this, it is suggested to develop a new competition format, as well as the opening for new sponsors, aiming a broader calendar with better competitive and financial conditions for the teams.

**Keywords:** Sports management; Sports federations; Sports performance; Beach volleyball.

## Resumén

La gestión deportiva ha demostrado su contribución al éxito de un deporte, en particular mediante la elaboración del calendario de competiciones. Esto se debe a que el calendario competitivo es fundamental para el desarrollo del jugador, ya que influye desde la planificación del entrenamiento hasta la frecuencia de los torneos. Al comprender esta importancia e identificar una brecha en este conocimiento en voleibol de playa, es necesario evaluar los cambios que ocurrieron en el calendario deportivo de la modalidad tras décadas de competiciones. Por lo tanto, el presente estudio tuvo como objetivo analizar todas las ediciones del principal calendario competitivo de voleibol de playa en Brasil y mundial. La investigación se caracteriza por ser descriptiva a través del análisis documental, a partir de búsquedas en línea en documentos publicados en los sitios web exclusivos de la Confederación Brasileña de Voleibol y la Federación Internacional de Voleibol. Los resultados apuntaron a una reducción del 63,15% en el número de etapas del circuito brasileño, en comparación con la última temporada para ambos sexos ( $n = 19$ ) con la última edición investigada ( $n = 7$ ). A diferencia de Brasil, el circuito mundial muestra un crecimiento exponencial, marcado por cambios constantes y nuevas operaciones, una gestión internacional ampliada o un calendario competitivo mundial, llegando a su punto máximo en 2018 con 46 torneos femeninos en una sola temporada. Crecimiento significativo del 2,200% en comparación con la primera edición en 1993 ( $n=2$ ). Estos cambios generan mayores oportunidades competitivas para los atletas, especialmente los extranjeros, y crecimiento para el deporte. Sin embargo, una reducción en las etapas del calendario brasileño tiene un impacto negativo directo en los atletas nacionales y posiblemente en el desarrollo futuro del deporte en el país. Para evitar esto, se sugiere elaborar un nuevo formato de competencia, así como la apertura para nuevos patrocinadores, con aplicación de un calendario más completo y con mejores condiciones competitivas y financieras para las parejas.

**Palabras Clave:** Gestión deportiva; Federaciones deportivas; Rendimiento deportivo; Voleibol de playa.

## Introdução

O voleibol de praia brasileiro atualmente é um destaque esportivo mundial, sem dúvidas, decorrente do sucesso do país nos Jogos Olímpicos, onde lidera o número de conquistas com 13 pódios. Essa notoriedade não está limitada apenas às conquistas olímpicas, mas estendem-se aos êxitos nos mundiais Sub19 e Sub21 (Federação Internacional de Voleibol [FIVB], 2019).

A gestão do esporte também é um fator relevante neste processo e dentre as atribuições da organização da modalidade, está à responsabilidade da elaboração do calendário esportivo. Este, por sua vez, exerce influência direta na competição e no processo de treino dos atletas (Gomes, 2009). Ou seja, o calendário competitivo é fundamental em todas as fases de desenvolvimento atlético, pois influencia desde a planificação dos treinamentos, até a regulação da periodicidade dos torneos.

A entidade responsável no Brasil é a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), que visando o crescimento do esporte, há algumas décadas buscou uma gestão profissional ao reestruturar suas atividades e, desde 1997, atua em um modelo empresarial (Maroni, Mendes & Bastos, 2010). A boa administração é reconhecida frente a outras organizações, e também na literatura científica, com estudos que discorrem sobre este modelo e apontam, inclusive, que as ações tomadas pela Confederação foram grandes responsáveis pelo desenvolvimento do voleibol no Brasil (Maroni et al., 2010; Miranda et al., 2016)

Todavia, ao falar sobre a gestão do voleibol de praia muito se associa ao voleibol indoor, pois apesar de serem esportes diferentes, ambos são administrados pela mesma instituição. Assim, a principal competição nacional, denominada “Circuito Brasileiro de Vôlei de Praia Open” é promovida pela CBV através de um departamento específico na sua estrutura organizacional, que é a unidade do voleibol de praia.

Já no contexto internacional, a administração está sob a responsabilidade da FIVB, que ocupa um lugar de destaque na gestão da modalidade por ser a entidade promotora das principais competições, como Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais. Normalmente, as alterações no esporte advindas da FIVB, inicialmente são difundidas no “Word Tour” e logo são adotadas pelas confederações filiadas e passam a vigorar para todo o esporte.

Ao entender a importância do calendário competitivo, por sua relevância na preparação e na competição, acredita-se na influência deste fator no desempenho do atleta. Com isso, ainda que se reconheça a eficiência destas instituições e após décadas de competições, faz-se necessário avaliar as mudanças que ocorreram no calendário do esporte. Assim, o presente estudo teve como objetivo analisar todas as edições do principal calendário competitivo do voleibol de praia brasileiro e mundial.

## Método

A pesquisa é caracterizada como descritiva através de análise documental (Thomas, Nelson, Silverman; 2007). Inicialmente foi desenvolvida uma fase de pré-análise, com a definição dos objetivos, a pergunta norteadora e a identificação das fontes de informações. Posteriormente, foi realizada a coleta de dados a partir de buscas on-line nos documentos publicados nos sites próprios da CBV e da FIVB. Este processo durou três meses e foi tabulado por dois pesquisadores simultaneamente.

Como critérios de inclusão e exclusão do estudo, foram computados as informações apenas do principal calendário competitivo do voleibol de praia brasileiro e mundial. No Brasil, foi considerado o Circuito Brasileiro Open, e excluídos o Challenger e Super Praia, por serem competições isoladas e possuírem campeões distintos do vencedor da temporada nacional. Para a análise do calendário mundial, foram incluídos o Open, Grand Slam, World Series, Major e World Tour Star, apesar de diferentes nomenclaturas, todo têm em comum a classificação do Word Tour, e foram excluídos o Challenger, World Championship, Satellite e Word Tour Finals.

Para o tratamento dos dados, foi utilizado o software Microsoft Excel 2013, apresentando os resultados por meio estatística descritiva com valores expressos em média e percentual de frequência. Como os dados foram obtidos através de fontes secundárias, não houve necessidade de autorização de comitê de ética para a realização do estudo.

## Resultados e discussão

Com a intenção de mostrar um panorama da modalidade no Brasil, anteriormente ao objetivo principal do estudo, a Tabela 1 apresenta o quantitativo de atletas registrados na Confederação, agrupados por período olímpico. Nota-se o aumento dos registros especialmente a partir da inserção do país nas Olimpíadas, confirmando este crescimento a cada ciclo.

**Tabela 1** – Número de atletas de voleibol de praia registrados na CBV, agrupados por ciclo olímpico.

Ciclo Olímpico	Atletas
1996	N/I
2000	1750
2004	1873
2008	3260



<b>2012</b>	4883
<b>2016</b>	7255

Fonte: Confederação Brasileira de Voleibol, 2019. Legenda: N/I= Não Informado

Considerando os vinte primeiros anos deste processo, ao passo que o voleibol se firmava como o segundo esporte na preferência popular no país (Matias e Greco, 2011) o voleibol de praia crescia e computava mais de 7 mil atletas cadastrados. Apesar desta evolução, quando comparado ao tênis, por exemplo, que em 2008 já apresentava mais de 11 mil atletas federados (Bertozzi, 2008), parece que o registro dos atletas de voleibol praia é restrito ou não estimulado, pois não acompanha o nível de popularidade e conquistas da modalidade.

Devido aos bons resultados obtidos nos Jogos Olímpicos e nos campeonatos mundiais, as duplas brasileiras colocaram rapidamente o país em um lugar de destaque no cenário esportivo internacional, inclusive, atualmente se firmando como uma referência no esporte (Tabela 2).

**Tabela 2** – Classificação das duplas brasileiras em competições internacionais de voleibol de praia.

Competição	1º Lugar		2º Lugar		3º Lugar	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
<b>Jogos Olímpicos</b>	2	1	3	4	1	2
<b>Campeonato Mundial</b>	7	5	4	5	4	6
<b>Mundial Sub21</b>	7	9	3	1	2	3
<b>Mundial Sub19</b>	3	4	1	2	0	0

Fonte: Confederação Brasileira de Voleibol; 2019.

Com o objetivo de analisar todas as edições do principal calendário competitivo de voleibol de praia brasileiro e mundial (Tabela 3), esse estudo apresenta o quantitativo de etapas separado por temporada, sexo e a nomenclatura da competição.

**Tabela 3** – Calendário competitivo brasileiro e mundial de voleibol de praia

Temporada	Etapas do calendário brasileiro		Temporada	Etapas do calendário mundial	
	Masculino	Feminino		Masculino	Feminino
<b>1989</b>	-	-	1989	3 Open	-
<b>1990</b>	-	-	1990	4 Open	-
<b>1991</b>	5 Open	-	1991	6 Open	-
<b>1992</b>	16 Open	5 Open	1992	5 Open	-
<b>1993</b>	18 Open	11 Open	1993	2 Open	2 Open
<b>1994</b>	19 Open	19 Open	1994	7 Open	6 Open 1 Grand Slam
<b>1995</b>	17 Open	17 Open	1995	17 Open	11 Open
<b>1996</b>	10 Open	10 Open	1996	2 Open 12 World Series 2 Grand Slam	2 Open 9 World Series 1 Grand Slam
<b>1997</b>	8 Open	8 Open	1997	8 Open 2 Grand Slam	8 Open
<b>1998</b>	12 Open	12 Open	1998	14 Open	8 Open
<b>1999</b>	11 Open	11 Open	1999	11 Open	7 Open
<b>2000</b>	12 Open	12 Open	2000	13 Open 1 Grand Slam	11 Open 1 Grand Slam
<b>2001</b>	16 Open	16 Open	2001	10 Open 1 Grand Slam	10 Open 1 Grand Slam
<b>2002</b>	15 Open	15 Open	2002	8 Open 2 Grand Slam	9 Open 2 Grand Slam
<b>2003</b>	15 Open	15 Open	2003	5 Open 4 Grand Slam	7 Open 4 Grand Slam

<b>2004</b>	12 Open	12 Open	2004	12 Open 3 Grand Slam	10 Open 3 Grand Slam
<b>2005</b>	12 Open	12 Open	2005	12 Open 3 Grand Slam	12 Open 3 Grand Slam
<b>2006</b>	12 Open	12 Open	2006	10 Open 4 Grand Slam	11 Open 4 Grand Slam
<b>2007</b>	12 Open	12 Open	2007	12 Open 4 Grand Slam	12 Open 4 Grand Slam
<b>2008</b>	12 Open	12 Open	2008	15 Open 6 Grand Slam	15 Open 6 Grand Slam
<b>2009</b>	12 Open	12 Open	2009	9 Open 4 Grand Slam	11 Open 4 Grand Slam
<b>2010</b>	12 Open	12 Open	2010	10 Open 6 Grand Slam	9 Open 6 Grand Slam
<b>2011</b>	12 Open	12 Open	2011	7 Open 6 Grand Slam	8 Open 6 Grand Slam
<b>2012</b>	4 Open	4 Open	2012	3 Open 8 Grand Slam	4 Open 8 Grand Slam
<b>2012/2013</b>	10 Open	10 Open	2013	3 Open 10 Grand Slam	6 Open 11 Grand Slam
<b>2013/2014</b>	09 Open	09 Open	2014	8 Open 10 Grand Slam	7 Open 10 Grand Slam
<b>2014/2015</b>	09 Open	09 Open	2015	8 Open 5 Grand Slam 3 Major	8 Open 5 Grand Slam 3 Major
<b>2015/2016</b>	08 Open	08 Open	2016	10 Open 4 Grand Slam 4 Major	8 Open 4 Grand Slam 4 Major
<b>2016/2017</b>	09 Open	09 Open	2017	3 Five Star 3 Four Star 5 Three Star 2 Two Star 5 One Star	3 Five Star 3 Four Star 4 Three Star 4 Two Star 7 One Star
<b>2017/2018</b>	07 Open	07 Open	2018	3 Five Star 10 Four Star 6 Three Star 3 Two Star 21 One Star	3 Five Star 9 Four Star 6 Three Star 7 Two Star 21 One Star
<b>2018/2019</b>	07 Open	07 Open	2019	2 Five Star 11 Four Star 5 Three Star 3 Two Star 22 One Star	2 Five Star 10 Four Star 4 Three Star 6 Two Star 18 One Star

Fonte: Confederação Brasileira de Voleibol, 2019; Federação Internacional de Voleibol, 2019.

O calendário mundial, com a característica de ser disputado em várias etapas, iniciou suas competições em 1989 para os homens e apenas 1993 para as mulheres. Acompanhando este movimento, a primeira temporada nacional também foi exclusiva para os homens em 1991, e no ano seguinte a competição foi estendida para as mulheres.

A criação da principal competição do país teve desde o início o suporte financeiro do Banco do Brasil. Essa parceria tinha objetivos mercadológicos e por meio de eficientes ações de marketing e comunicação, buscou potencializar novos clientes para o Banco e ao mesmo tempo popularizar o esporte em território nacional (Costa, 2007). Certamente ambos objetivos foram alcançados, sendo especialmente positivo para a modalidade que cresceu amparada por um investidor, e segue com essa exclusividade atualmente.

A quantidade de etapas por temporada entre o sexo masculino e feminino ainda é um ponto divergente em ambos os calendários. Isso porque no Brasil, a partir de 1994 houve uma equivalência que se mantém até os dias de hoje, encobrendo as diferenças que marcaram o início da modalidade em 1992 (masculino=16, feminino=5). Porém, no mundial essa diferença ainda é



presente, sem uma igualdade ou prevalência de um sexo, possui uma variação da quantidade a cada edição.

É de se esperar que com o aumento de praticantes, resultados expressivos e notoriedade do voleibol de praia, o calendário esportivo acompanhe este desenvolvimento, principalmente, através de maior quantidade de eventos anuais, divisões de acesso a principal competição, novos patrocinadores e etc. Contudo, os resultados mostraram uma diferença no número de etapas do circuito brasileiro, comparando a temporada de 1994 (n=19), ano de equivalência entre os sexos, com a última edição pesquisada em 2018/2019 (n=7), apontando uma redução de 63,15%.

Além disso, é importante ressaltar que atualmente a quantidade de etapas tanto para homens quanto para mulheres (n=7) é maior apenas que a primeira edição do circuito em 1991 (n=5). Essa redução afeta diretamente os atletas, pois culturalmente no voleibol de praia as duplas não possuem vínculos empregatícios e a premiação das competições é a principal manutenção financeira para os jogadores. Estudos anteriores já apontavam essa informalidade contrapondo com o voleibol indoor, onde os atletas possuem certa segurança, a partir de contratos firmados com os clubes e associações (Vlastuin, Almeida, Marchi Júnior, 2008; Borba & Muniz, 2017)

O calendário mundial, por sua vez, tem crescido gradativamente através de uma revisão frequente do modelo competitivo, notório pelas diferentes nomenclaturas adotadas nas temporadas. Essas etapas possuem características próprias como: diferentes valores de premiação, pontuação diferenciada no ranking de duplas, quantidade de duplas participantes, localidade da competição e etc. Essas estratégias operacionais parecem indicar uma contínua transformação esportiva e por consequência, mais oportunidades para os atletas.

Algumas mudanças que impactam a organização do esporte e até mesmo interferem nas regras do jogo, não necessariamente são motivadas pelo interesse ou reivindicação dos atletas, por exemplo, quando a FIVB alterou o sistema de pontuação e reduziu a dimensão da quadra, o objetivo principal era simplificar ao público a compreensão das regras e tornar a duração das partidas mais previsível e controlada para a TV. Contudo, apesar dos diferentes interesses, é possível que essas mudanças reflitam no desempenho dos atletas, inclusive, despertando o interesse de autores ao investigarem essas relações no voleibol de praia (Giatsis, Tili, & Zetou, 2011; Giatsis & Tzetzis, 2005; Grgantov, Katić, & Marelić, 2005; Palao, Valadés, & Ortega, 2012)

Nesse sentido, em 2017 a FIVB expandiu o calendário ao redor do mundo e criou o modelo World Tour Star (FIVB, 2019). Os resultados deste estudo indicam que no ano seguinte a criação deste novo modelo, o calendário mundial atingiu o ápice com 46 etapas femininas em uma única temporada. Crescimento significativo de 2.200% quando comparado com a primeira edição em 1993 (n=2). Este resultado corrobora com a intenção da gestão internacional ao agregar mais países sediando os eventos, objetivando com isso, mais visibilidade para a modalidade e consequentemente mais praticantes.

Embora esse crescimento seja positivo a todos os países participantes, inclusive o Brasil, acredita-se que as implantações dessas estratégias sejam ainda mais vantajosas para os atletas internacionais. Visto que, no início da modalidade muitos países não possuíam um torneio próprio e competiam apenas no mundial, que naquela época tinha um calendário com poucas etapas. Atualmente, além dos países estrangeiros contarem com torneios próprios, a possibilidade de competirem no World Tour com muitos torneios, resulta em um calendário extenso em competições e vantajoso para a melhora do desempenho esportivo.

Esse entendimento pode ser evidenciado na psicologia esportiva, ao considerar o estresse competitivo como um dos fatores psicológicos mais determinantes para o sucesso das equipes de alto rendimento (Stefanello, 2007). De forma prática, a constante experiência no contexto de pressão proporcionado pela competição, resulta em mecanismos de melhora de desempenho do atleta.

Diferentemente da maioria dos jogadores brasileiros, essa diminuição de etapas no calendário impacta negativamente em menor proporção apenas os atletas de elite do Brasil, considerando o termo de “elite” como aqueles que representam seu país em campeonatos mundiais ou grandes competições internacionais (Aquilina, 2013). Visto que, por serem melhores ranqueados

no circuito nacional estes atletas são credenciados a também participar das etapas do mundial, e com isso, se beneficiam com mais torneios para competir, aumentando seus ganhos financeiros e melhor desempenho técnico.

Apesar da hegemonia brasileira, recentemente observa-se a diversidade de países vencedores dos torneios internacionais (FIVB, 2019). Este fato é importante, principalmente, para o desenvolvimento da modalidade, além disso, evidencia as boas estratégias de propagação do voleibol de praia propostas pela Federação Internacional e podem indicar que a expansão do calendário competitivo seja um dos fatores responsáveis pelo bom desempenho das equipes.

## Conclusões

O calendário mundial de voleibol de praia apresenta um crescimento gradativo no seu quantitativo de etapas, resultado das constantes reformulações e novas estratégias operacionais da FIVB. Essas alterações geram maiores oportunidades competitivas para os atletas, crescimento e maior visibilidade da modalidade, além do alcance de novos países, que até então, não eram contemplados com torneios oficiais.

Por sua vez, o calendário brasileiro tem reduzido a níveis semelhantes de quando iniciara a modalidade no país, repercutindo negativamente de forma direta aos atletas e possivelmente no desenvolvimento futuro do esporte. Para evitar isto, sugere-se elaborar novo formato de competição, bem como a abertura para novos patrocinadores, visando um calendário mais abrangente e com melhores condições competitivas e financeiras para as duplas. Apesar de um aspecto ainda autônomo do atleta de voleibol de praia no Brasil, a tentativa de aproximar ao modelo clubista, como no voleibol indoor pode ser considerada.

## Referências

- Aquilina D. (2013) A Study of the Relationship Between Elite Athletes' Educational Development and Sporting Performance. *Int J Hist Sport*. 30(4): 374-92
- Bertozzi, P. (2008) Eu sou a lenda. *Revista Máquina do Esporte: a revista do marketing esportivo*. São Paulo, v. 6, n. 1,
- Borba, L., & Muniz, H. P. (2017). "Mudando para o time": a dimensão coletiva no trabalho de atletas de vôlei de praia. *Laboreal*, 13(1), 56–65.  
<https://doi.org/10.15667/laborealxiii0117b>
- Confederação Brasileira de Voleibol - CBV (2019, 26 de outubro). Vôlei de Praia. <http://voleidepraia.cbv.com.br/index.php/>
- Costa, M. M. (2007). Esporte de alto rendimento: produção social da modernidade - o caso do vôlei de praia. *Sociedade E Estado*, 22(1), 35–69. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922007000100003>
- Federação Internacional de Voleibol – FIVB (2019, 10 de dezembro). Beach Volleyball . <https://www.fivb.com/en/beachvolleyball>
- Giatsis, G., Tili, M., & Zetou, E. (2011). The height of the women's winners FIVB beach volleyball in relation to specialization and court dimensions. *Journal of Human Sport and Exercise*, 6(3), 497–503. <https://doi.org/10.4100/jhse.2011.63.03>
- Giatsis, G., & Tzetzis, G. (2005). Comparison of performance for winning and losing beach volleyball teams on different court dimensions. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, (10), 10. Retrieved from <papers://cdf6ea96-27e8-40e2-a222-a38262792b20/Paper/p207>
- Gomes, A. C. (2009). *Treinamento Desportivo: Estruturação e periodização* (2.ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Grgantov, Z., Katić, R., & Marelić, N. (2005). Effect of new rules on the correlation between situation parameters and performance in beach volleyball. *Collegium Antropologicum*, 29(2), 717–22. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16417188>
- Maroni, F. C., Mendes, D. R., & Bastos, F. C. D. C. (2010). Gestão do voleibol no Brasil: o caso das equipes participantes da Superliga 2007-2008. *Revista Brasileira de Educação*



Física E Esporte, 24(2), 239–248.  
<https://doi.org/10.1590/S1807-55092010000200007>

- Matias, C. J. A. S., Greco, P. J. (2011). De Morgan ao Voleibol moderno: O sucesso do Brasil e a relevância do levantador. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, 10(2), 49-63
- Miranda, Y. H. B., Pedroso, C. A. M. Q., Barros Filho, M. A., Silva, V. H. R., & Rocha, V. L. S. (2016). A importância da gestão esportiva no desenvolvimento do voleibol brasileiro: estratégias da Confederação Brasileira de Voleibol. *Revista de Gestão E Negócios Do Esporte (RGNE)*, 3052(November 2017), 13–23.
- Palao, J. M., Valadés, D., & Ortega, E. (2012). Match duration and number of rallies in men's and women's 2000-2010 FIVB World Tour Beach Volleyball. *Journal of Human Kinetics*, 34(September), 99–104.  
<https://doi.org/10.2478/v10078-012-0068-7>
- Stefanello, J. M. F. (2007). Situações de estresse no vôlei de praia de alto rendimento: Um estudo de caso com uma dupla olímpica. *Revista Portuguesa de Ciências Do Desporto*, 7(2), 232–244.
- Thomas, J. R.; Nelson, J. K.; Silverman, S. J. (2007). *Métodos de pesquisa em atividade física*. (Artmed, Ed.) (5th ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Vlastuin, J., Almeida, B. S., & Marchi Júnior, W. (2008). O Marketing Esportivo na Gestão do Voleibol Brasileiro: fragmentos teóricos referentes ao processo de espetacularização da modalidade. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 29(3), 9–24..

Recebido em: 13/06/2020

Aceito em: 05/08/2020

Endereço para correspondência:

Leopoldo Sindice da Silva

[leo.voleipr@gmail.com](mailto:leo.voleipr@gmail.com)



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Attribution 3.0

